

REVISTA ADVENTISTA

AGOSTO DE 1964

«O Dia Mais Longo»

Concílio, Igreja e Verdade

Um apelo aos jovens do nosso
tempo

ANO XXV

N.º 215

“O Dia Mais Longo”

A. CASACA

COMEMOROU-SE no passado mês de Junho o vigésimo aniversário do desembarque das tropas aliadas na Normandia para a arrancada final, na última fase da Segunda Grande Guerra. Toda a imprensa recordou o acontecimento, em grandes títulos e fotografias. Aquele dia — o de desembarque — foi denominado: «O dia mais longo». Efectivamente, se aqueles que viveram os tormentosos momentos daquele dia o consideraram «o mais longo» é com razão que assim o apelidaram. Viveram momentos de angústia, de indizível aflicção, porque se tratava do acontecimento crucial que iria decidir da sorte da gigantesca guerra. De ambos os lados se sabia, perfeitamente que o malogro do desembarque projectado implicava a derrota inevitável.

Por isso os dirigentes e os responsáveis por tão grande operação militar viveram «o dia mais longo» e, com toda a razão.

Podemos lá imaginar o sofrimento moral e também físico daquelas horas de negra e misteriosa expectativa, lutando contra a inclemência do tempo, contra as dúvidas do êxito contra o desânimo dos pusilânimes!

Foi, de facto, na História da Humanidade «o dia mais longo» de quantos decorreram, através dos séculos.

Já há muitos séculos atrás, há alguns milénios, também ocorreu um dia longo, mais longo do que todos os outros precedentes. Também foi por ocasião de uma peleja.

Pelejava, então, o Senhor por Israel, conforme vemos em Josué no capítulo décimo. O valoroso capitão, chefe e dirigente do povo de Deus lutara contra os amorreus. Já declinava o dia e Josué queria exterminar os inimigos do povo de Deus. «E disse Josué perante os Israelitas: Sol detém-te em Gibeon, e tu, Lua, no vale de Ajalon. E o Sol se deteve, e a Lua parou, até que o povo se vingou

dos seus inimigos. O Sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a este, nem antes, nem depois dele, ouvindo o Senhor a voz de um homem, porque o Senhor pelejara por Israel.» (Josué 10:12-14).

É assim na sua linguagem simples, natural, corrente que a Sagrada Escritura fala do «dia mais longo» que a História regista. Já lá vai o tempo em que em nome da Ciência certos pensadores argumentavam contra a inspiração da Bíblia, alegando que Josué «mandara parar o Sol», como se o Sol andasse! A Bíblia não é um tratado de Astronomia; emprega, muito simplesmente, a linguagem vulgar, da mesma maneira que um astrónomo diz, como qualquer outra pessoa que «o Sol se põe às tantas horas» o que implica também uma noção de movimento da parte do Sol, em relação à Terra.

Faz agora vinte anos, também se recordou «o dia mais longo» — aniversário do desembarque das tropas aliadas nas costas da Normandia. Houve, decerto, boas razões para o designar com tal epíteto, dadas as circunstâncias que então se viveram.

Mas a Humanidade tem, ainda, diante de si o Grande Dia que será verdadeiramente o maior Dia de toda a sua história. É constituído por um conjunto de acontecimentos que levam a Palavra de Deus a chamar-lhe «O Grande Dia do Eterno». Trata-se de um Dia — Aquele Grande e tremendo Dia, o Grande Dia do Eterno — que só pode ser descrito num estilo apocalíptico dos profetas, pois só ele é capaz de lhe fazer realçar a majestade e o horror. Aquilo que a Humanidade já presenciou por ocasião das catástrofes de Hiroshima e Nagasáqui é uma pálida imagem daquele «Grande Dia do Eterno». «Sangue e fogo e colu-

(Continua na pág. 13)

SUMÁRIO

«O Dia Mais Longo»

Editorial

Conclios, Igreja e Verdade

As condições da oração

Um apelo aos jovens do nosso tempo

Como trazer à Igreja os crentes afastados

Carta de Moçambique

A volta para Deus

O Auxiliar da Escola Sabatina

AGOSTO DE 1964

ANO XXV N.º 215

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:
D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

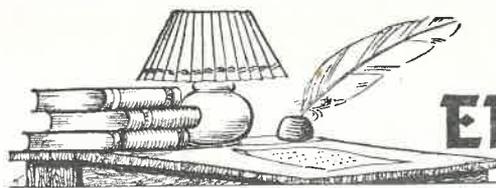
PROPRIETARIA: UNIAO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3500
Assinatura anual 30500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Aqui vos apresento as minhas melhores saudações com os votos muito sinceros de que a graça de Deus abunde nos nossos corações. Vou dar-vos algumas pequenas notícias referentes ao último mês, e outras com vistas a futuras realizações.

A Campanha das Missões

Podemos dar muitas graças a Deus, pois já findou a Campanha das Missões em todo o nosso território. Sentimo-nos satisfeitos, e, decerto, todos os nossos Irmãos e Irmãs nos acompanham neste sentimento de júbilo, porque o Senhor nos abençoou grandemente. Erguemos as nossas vozes de agradecimentos a Deus, porque nos concedeu que se alcançassem os alvos propostos, em todas as igrejas e também se excederam. Escreveram-se páginas de grande, mas oculto heroísmo, nesta Campanha, porque aqueles dos nossos prezados Irmãos e daquelas dilectas Irmãs que a realizaram, tiveram de defrontar tanto a aridez de muitas almas como as dificuldades físicas ocasionadas pelo tempo.

Mas graças a Deus que findou em beleza.

Só Deus será o eterno galardão para todos quantos nela trabalharam.

Convenção de Publicações

Comunicamos com muito gosto que vai efectuar-se, no Porto, dos dias 14 a 18 a Convenção de Publicações, na qual será integrado um Curso de Colportores. Contamos com a presença dos Irmãos W. A.

Higgins, Secretário-Adjunto do Departamento das Publicações da Conferência Geral, e E. Naeny, Secretário do Departamento das Publicações da Divisão Sul-Europeia.

Férias

Estamos na época das férias, já todos sabemos — é inútil repeti-lo — que as férias são hoje uma necessidade para todos os que trabalham diligentemente durante todo o ano.

Mas, se as férias são uma necessidade para o corpo, também para os trabalhos intelectuais, já o não são para alma. A alma não pode nunca dar férias às suas actividades religiosas. Parar na vida espiritual, dizem os entendidos, é morrer.

Por isso, prezados Irmãos e Irmãs, agora que ides tomar as vossas férias, que vos são necessárias para a vossa vida de trabalho, não esquecer a vida da alma. Permite, portanto, que vos recorde, fraternalmente, que não podemos suspender as práticas religiosas. Bem basta o não terdes oportunidade de vos reunirdes com os Irmãos no Santo Dia do Senhor, para o culto. Mas temos sempre conosco a Bíblia, o Trimensário e qualquer precioso livro da Irmã White. Poderemos fazer a nossa Escola Sabatina, quer no campo, quer na praia.

Seria até uma excelente ocasião para qualquer de vós principiar a exercitar-se a passar uma Classe da Escola Sabatina. Depois, não esqueçais a colecta final, que se pode juntar com as dos outros Sábados de férias e trazerdes à igreja, quando regressardes de férias.

(Continua na pág. 16)

REVISTA ADVENTISTA

Concílios, Igreja e Verdade

por JOSÉ ABELLA

TENDO os concílios voltado à actualidade, é dever do crente conhecer algo sobre as suas formas e origens.

Socialmente, o concílio da igreja cristã é filho do «conselho dos anciãos» do povo israelita e mais tarde da Judeia, a qual foi assembleia tão temida e poderosa nos dias de Jesus na Terra. Mas com o advento da fé cristã, aquilo que chamamos hoje o concílio devia ter a sua consagração como instituição cristã, e teve-a no Concílio de Jerusalém, no ano 49.

A que propósito se deu tão importante reunião? Diz o livro dos Actos dos Apóstolos (cap. 15) que surgiram «discussão e contenda» sobre a validade, para os gentios convertidos, da circuncisão e outros preceitos rituais da Lei de Moisés. Era um assunto que não era mencionado implicitamente nas Escrituras até então possuídas, mas que devia ser estudado à luz das mesmas. Reuniram-se então «os apóstolos e os anciãos» (v. 2), e Paulo e Barnabé foram contados entre os delegados. Reunida a assembleia, Pedro fala como tendo tido uma revelação divina específica sobre o assunto e experiência na causa em questão, e a discussão terminada é Tiago, que presidia este concílio, que toma a palavra e dá a conclusão a este concílio, baseada nas Escrituras (cita o profeta Amós 9: 11-12) na manifestação do dom de profecia na pessoa de Pedro e no testemunho da Igreja, ditando a atitude a tomar daí em diante.

É portanto manifesta nesta instituição a base escriturística, a Palavra de Deus, como fundamento de toda a decisão tomada, e a orientação comprovada do Santo Espírito como penhor da verdade na Obra deste concílio. Já temos em embrião o princípio de duas leis distintas, a moral e a cerimonial; a permanência da primeira na reprobção da idolatria, do adultério, implicando a pureza da conduta, e

em adição a alusão desta lei moral a persistência dum preceito higiênico, que é a abstinência das carnes sufocadas e do sangue como alimento. Os outros preceitos da lei cerimonial perdiam o seu vigor. Foi assim lançada a base duma sã doutrina, duma boa teologia, que aplicou à Igreja nascente os princípios eternos de justiça divina.

Mas esta garantia de verdade terá permanecido através dos concílios subsequentes? Nem sempre, infelizmente.

No período que medeia entre este concílio de Jerusalém em 49 e o ano 352 não há concílio de grande importância. Mas no ano 325 deu-se um acontecimento que faz época na história da Cristandade: é o concílio de Niceia. A cristandade ameaçava então dividir-se por heresias e crenças errôneas sobre a pessoa de Cristo. Os arianos negavam a divindade de Cristo e o facto d'Ele ser *consustancial* com o Pai. Reuniram-se então 318 bispos em Niceia, reprovaram o arianismo e publicaram o Símbolo dos Apóstolos, conhecidos por muitos, como símbolo de Niceia ou *Credo*. Esta foi a grande Obra do Concílio.

Neste concílio, dois campeões se defrontaram: Atanásio, bispo de Alexandria que defendia a ortodoxia, ou causa justa, a divindade de Cristo, e Eusébio de Nicomedia que pugnava pelo arianismo. Triunfou Atanásio e a ortodoxia.

O que é de lastimar neste concílio, como em vários outros, é que foram convocados não pelos crentes ou pelos seus bispos, mas sim pelo Imperador Constantino. Foi convocado, pagas por ele todas as despesas conciliares, e reunido em casa dele, pois que esta reunião deu-se no próprio palácio imperial. Jesus tinha dito: «Daí a César o que é de César» mas eis que agora César tinha o monopólio sobre a Igreja de Cristo!

Os arianos vencidos não se calaram. Obtiveram o favor de Cons-

tantino, e conseguiram a reunião dum concílio local em Cesareia em 334. Mas Atanásio pressentiu uma armadilha e não compareceu. Outro concílio foi reunido, este por ordem de Constantino, e Atanásio teve que comparecer. Foi em Tiro em 335. Ali o imperador exortou os participantes à unidade e ao bom entendimento. Foi em vão. A maioria ariana estava sequiosa de vingança. Fizeram a Atanásio as acusações as mais baixas e as mais torpes. Em meio das sessões não faltou nem o drama nem a comédia. De tal modo Atanásio se viu atacado que fugiu e foi deposto. Por uma carta por ele escrita nessa altura avaliam-se os vícios de forma deste concílio de Tiro: «Com que direito esta gente (os arianos) tiveram um concílio contra nós? De que maneira podem eles chamar concílio esta reunião presidida por um conde; em que, oficiais de diligências estavam presentes; em que, em lugar dos diáconos da igreja se viam agentes de polícia introduzir e pôr nos seus lugares os assistentes, em que, o conde falava enquanto os bispos se calavam e se curvavam diante das suas palavras; em que, o que agradava a maioria dos bispos era impedido pelo magistrado? Ele mandava, e os soldados nos faziam marchar... Em suma, queridos irmãos, que concílio era esse, em que a morte e o desterro poderiam ser pronunciados contra nós se agradasse a César? (Hefele, *Histoire des conciles d'après les documents originaux*, T. I^a p. 665).

Em 337 morre Constantino. A divisão ameaça mais do que nunca. O bispo de Roma faz um apelo a Antioquia para trazer os crentes à comunhão de Roma, mas estes recusam. O papa consegue por fim reunir um concílio em Sárdica em 348. A finalidade desta reunião era limitar o poder do concílio, estabe-

(Continua na pág. 16)

AS CONDIÇÕES DA ORAÇÃO

JESUS passava noites em oração e S. Paulo menciona nas suas cartas os contínuos pedidos que fazia a Deus. Um grande servo de Deus consagrava, todos os dias, três horas à oração. «Ó! meus amigos — exclama um outro pensador cristão — vós que estais cheios de vida, vós cuja carreira parece que ainda não chegou ao seu termo, entrai em novos hábitos de oração. Levai para a oração, com um espírito de fervor, também um espírito de ordem e de método, que lhe aumentará o poder; aquela ordem e aquele método de que Jesus nos deu o exemplo na oração dominical» (A. Monod).

A estas orações abundantes que brotam em grandes catadupas de corações consagrados a Deus, fontes de uma fecunda actividade, comparemos as nossas orações, raras, magras, sempre à pressa. Por isso devíamos também pedir, como os apóstolos: «Senhor, ensina-nos a orar», porque a graça e a força de Deus são-nos necessárias todos os dias e durante toda a vida.

Sabemos que os Judeus escreviam nas paredes das sinagogas: «A oração sem atenção é como um corpo sem alma». «Como vos atreveis — dizia S. Cipriano no seu Tratado sobre a Oração, como vos atreveis a pedir a Deus que vos ouça e que vos atenda, se vós não vos ouvís a vós mesmos?» «Temos de querer aquilo mesmo que pedimos a Deus. Ora o nosso desejo, quando se trata de bens espirituais, não só, muitas vezes não tem raízes nem profundidade, mas também nem sequer é real, de modo que a nossa vida inflige, muitas vezes, à nossa oração, um flagrante desmentido». (M. J. D. Benoit).

Antes de orar, era conveniente prepararmo-nos colocando-nos numa doce e tranquila disposição de espírito. Temos de banir do coração os pensamentos mundanos. Seguidamente, temos de nos aproximar de Deus com uma profunda modéstia e com «santo tremor» da criatura culpada e pecadora.

Os sinais exteriores desta humildade podem, é verdade, ser equívocos e encontrar-se entre insignes hipócritas. Mesmo orando, como o publicano que, no fundo do templo não ousava erguer os olhos para o céu e que batia no peito, pode suceder que alguém faça da sua humildade — e quantas vezes! uma capa de orgulho apresentando-se numa falsa modéstia. Mas eis como David fala aos que querem adorar a Deus: «Vinde, prostemo-nos, inclinemo-nos, ajoelhemos diante do Eterno que nos criou».

Também necessitamos de tempo para orar. Procuremos todos os dias, o tempo necessário para orar, e saibamos também, naqueles momentos, esquecer o que nos cerca e as ocupações que nos atormentam. A atenção na oração consiste em ter o espírito e o coração penetrados das ideias e dos sentimentos que exprimimos quando elevamos as nossas almas para Deus. Logo que ideias estranhas aparecerem no campo da nossa consciência, deixamos imediatamente de orar. Ora, as nossas distrações podem ser frequentes, preocupados como estamos com os cuidados e ocupações da vida presente, se tomarmos o mau e inexcusável hábito de nos ajoelharmos, sem nenhuma preparação, sem nos entregarmos à meditação e ao recolhimento prévios. «Se é relativamente fácil encontrar um lugar solitário para orar, é muito mais difícil — escreve ainda M. Benoit — fechar a nossa alma ao tumulto interior. Somos continuamente levados a pensar nas nossas preocupações egoístas, nos nossos nossos temores.» S. Agostinho diz que «tendo saído da cidade para o campo para orar, se deixou distrair com a vista de um lagarto a subir por um muro».

Mas estas distrações não nos devem desencorajar, lembremo-nos de que Deus não nos imputa o que é involuntário, e que sempre que Ele vê sinceridade e boa intenção, também usa de misericórdia.

Temos, portanto, de nos aplicar-mos a realizar as condições de uma oração de donde temos de banir o mais possível as distrações. Compennetremo-nos deste pensamento: é a Deus que nos dirigimos, a Deus nosso Criador, o Eterno Omnipotente, àquele Deus que conhece os nossos mais secretos desejos e em Quem temos de pôr toda a nossa confiança. Não perdoa Ele as nossas faltas, se nós também perdoarmos aos que nos ofendem? «Não esqueçamos estas palavras: a oração, eis a religião em acto.» (A. Sabatier).

Orando, como Deus quer, em nome de Jesus, como Jesus orava, ouvimos a Deus na mesma medida em que O buscamos, em que ouvirmos o seu chamado, porque nos tornamos um órgão do Espírito Santo e pomo-nos ao seu serviço para a realização dos seus desígnios de amor; permitimos que actue em nós.

Mas orar, como aquele napolitano que enrolava um rosário no cabo do punhal com que assassinava os transeuntes é esquecermo-nos de que Deus, três vezes santo, não ouve as orações do mau que persevera na sua malícia, nem mesmo as que as pessoas boas fizessem a favor de um mau. Talvez alguém diga que tem orado com séria atenção e com profunda humildade, com todo o ardor e perseverança e que Deus não tem ouvido as suas orações.

Eis a resposta da Palavra de Deus: «Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas com acção de graças. E a paz de Deus que excede todo o entendimento guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.» (Filip. 4:6,7). (De uma Emissão Radiofónica difundida pela VOZ DA ESPERANÇA (emissão francesa da ESCOLA RÁDIO-POSTAL), em Rádio-Luxemburgo).

aos jovens do nosso tempo

«**S**ó quem tenha prestado ouvidos ao ruído dos passos da nova geração, poderá compreender, de forma perfeita, a solenidade destes tempos críticos.

«Em torno de nós, vão crescendo milhares e milhares de jovens, de ambos os sexos, um verdadeiro exército formado por gloriosa juventude, palpitante de vitalidade radiante de esperança, saturada de entusiasmo. Enchem as escolas primárias e secundárias, inundam os colégios e as universidades e absorvem, no meio das mais favoráveis condições, o conhecimento acumulado durante séculos. Cheios de ânimo e de ambições, esforçam-se por obter êxito, projectam grandes conquistas, sonham com o amor e com um lar onde existam as coisas mais preciosas da vida.

«Inteligentes, activos, despertos, com espírito de crítica, contemplam de olhos maravilhados este mundo estranho e desassossegado em que vivem.

«Que futuro aguardará todos estes rapazes e raparigas? Como deverão entrar em contacto com os seus problemas desta hora portentosa?»

«Quando bem pensarmos, veremos que não é pequeno privilégio o de viver em tempos como este em que está ainda em reserva o tesouro da juventude. É oportunidade valiosa — cobijada pelos patriarcas, profetas e apóstolos, mas reservada à juventude da nossa geração, — a de contemplar os acontecimentos que nos conduzem à realização do eterno propósito divino, a de presenciar o cumprimento dos últimos fragmentos de profecias, a mobilização das forças do bem e do mal para o conflito que dará fim, para sempre, às lutas da humanidade...».

«O máximo apelo desta hora à juventude é para a realização de nobres empreendimentos. A própria gravidade da crise lhes proporciona

numerosas oportunidades de trabalho. Quem aceitar o caminho de Bem e se coloque resolutamente ao serviço, decidido, a defendê-lo contra todos os adversários e a guardar a todo o custo 'os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus', encontrará ajuda sobre-humana a honrar a sua fé e o seu valor. Não serão desenganados. Sempre haverá para tais mais trabalho do que está ao seu alcance realizar e nunca lhes faltará também o seu pão e a sua água.» (Leiam Isaías 33:16).

«Quando certo mancebo rico se aproximou do Mestre e falou com ele sobre o caminho da vida, lemos que 'Jesus, olhando para ele, o amou' (S. Mar. 10:21). Este mancebo queria fazer o que era recto. Guardava os Mandamentos de harmonia com os seus conhecimentos. Jesus sentiu-se atraído para este rapaz forte, bom e sincero e sentiu alegria pela sua vida pura e formosa. Até então ninguém viera falar-lhe dotado de prendas tão formosas. Quantas possibilidades não estavam diante deste rapaz! Por certo, possuía todos os dotes necessários para chegar a campeão da justiça. Com o fim de encaminhar a sua vida por caminhos de maior abundância e profundidade, Jesus propôs-lhe um acto de sacrifício. Queria que este jovem compreendesse que a observância dos Mandamentos, embora digna de elogio e necessária, não bastava só por si. A fé era indispensável e não podia manifestar-se enquanto não tivesse perdido a confiança nas riquezas.

O nosso mancebo retirou-se muito triste. Não estava disposto a fazer o sacrifício que lhe pediam. Embora não o compreendesse, desaparecia para sempre a maior oportunidade da sua vida. Apegou-se às riquezas terrenas e perdeu as riquezas eternas. Em vez de chegar a grande apóstolo na causa de Deus, lutando com valor pela prosperidade da Igreja Cristã primitiva, desapareceu gradualmen-

te do quadro e tudo quanto dele nos resta é a narração do seu trágico fracasso.»

«O Espírito dirige, neste tempo, mensagens solenes à juventude. Sente por ela o mesmo amor que Jesus teve pelo mancebo rico. A cada jovem é dirigido este apelo: 'Dá-me, filho meu, o teu coração'. (Prov. 23:26). Ouve-se este mesmo apelo nos seguintes termos: 'Vinde a mim... Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim'. (Mat. 28:29). Deseja salvá-los do mal que os cerca neste mundo e guardá-los dos juízos que tão depressa, cairão sobre a Terra. Quer que lhe entreguem as suas vidas para poder fazer deles homens e mulheres fortes, segundo o seu propósito. Chama-os com o fim de os enviar a levantar o estandarte da Verdade caído nos lugares mais tenebrosos da Terra. Espera por eles para os empregar na grande tarefa de preparar um povo disposto a sair ao seu encontro quando venha.

«Para o Espírito não importa o dinheiro nem a posição. Foi buscar David detrás das suas ovelhas, Gedeão do lagar e Paulo do caminho de Damasco. Também não faz caso da posição social mas, apenas, da boa vontade para escutar e obedecer. Amós era um simples pastor de ovelhas; recolhia o fruto do sicómero e era pobre entre os pobres; no entanto Deus chamou-o do seu rebanho e disse-lhe: «Profetiza». Recebeu então a comovedora mensagem: «O fim vem...»; «Prepara-te para ir ao encontro do teu Deus». (Amós 8:2; 4:12).

Certa ocasião de grandes dificuldades em Israel, quando Deus procurava um condutor, capaz de o libertar, encontrou um rapaz que ajudava o trabalho nos pátios do templo. No meio da noite, chamou este jovem cujo coração estava inclinado para Deus: «Samuel! Samuel!

(Continua na pág. 10)

ABORDAMOS com este título um dos mais cruciantes problemas dos nossos dias se olharmos para o elevado número de apostasias que se regista anualmente nas nossas fileiras. Apostasias sempre se deram na Igreja, através dos tempos, e sabemos que, infelizmente, muitas mais haverá até que Jesus volte. Cristo, no Seu sermão profético, e referindo-se particularmente aos últimos dias, disse que em resultado do grande aumento do pecado, «o amor de muitos esfriará». Mas logo a seguir acrescenta: — «Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo». S. Mat. 24:12,13.

Para que uma alma persevere até ao fim, ou, usando a linguagem do Salmista, seja «como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria» contribuem certamente alguns factores que analisaremos em seguida:

1 — Antes de mais, este crente foi «plantado» junto a ribeiros de águas». Isto indica que recebeu, anteriormente ao baptismo, uma sólida preparação bíblica, passou pela experiência da conversão e tornou-se uma nova criatura em Cristo Jesus. Notemos o seguinte pormenor: — O Salmista não diz que a árvore «nasceu junto a ribeiros de águas» mas sim que foi «plantada junto a ribeiros de águas». Alguém ali propositadamente a colocou, ou seja, o lavrador que figurativamente representa aqui o ministro do evangelho ou qualquer outro agente humano escolhido por Deus a fim de subministrar o candidato ao baptismo a preparação e instrução indispensáveis. Não o «plantou» no seco e arenoso terreno das tradições e filosofias humanas, mas sim no húmido e produtivo solo da infalível Palavra de Deus. Sabia no que cria!

2 — Em segundo lugar, este crente tem o seu prazer na lei do Senhor e na Sua lei medita de dia e de noite. Que melhor linguagem poderia descrever o subsequente alimento espiritual e instrução bíblica que o crente deve receber após o baptismo. Uma alma recentemente baptizada é um recém-nascido na família de Deus e deve, por isso mesmo, continuar a receber os melhores cuidados durante o difícil período de adaptação ou

COMO TRAZER À IGREJA OS CRENTES AFASTADOS

por ARTUR A. OLIVEIRA

de fixação ao novo terreno. Dirigindo-se aos pastores e membros de Igreja escreveu a serva do Senhor: — «Não devem negligenciar o cuidado que (Deus) lhes incumbe de instruir com fidelidade, ternura e carinho aos recém-convertidos, para que a boa obra não fique em meio». Testemunhos Selectos, (Ed. Mundial) pág. 390, vol. 2. É um crime baptizar-se uma alma e deixá-la à mercê dos seus recursos, quando é precisamente nesta altura que os ataques do adversário são mais fortes e insistentes. Que proveito haverá em nos esforçarmos por fazer entrar pela «porta da frente» uma alma, se logo a seguir, esta mesma alma, por falta do carinho e da devida assistência espirituais, sair pela «porta do fundo»?

3 — Finalmente, este cristão «dá o seu fruto na estação própria». Feliz do crente que ao ser introduzido na igreja, começa logo a produzir frutos, isto é, encaminha outras almas ao conhecimento da verdade! Cada crente sinceramente convertido manifestará imediatamente os genuínos «frutos do Espírito» nos quais se inclui a caridade ou o amor pelas almas que não gozam do mesmo privilégio que ele. Mas para isso só a boa verdade não chega. É necessário que este impulso seja animado e orientado por uma igreja zelosamente activa e cheia de espírito missionário. Tal crente estará salvaguardado de antemão contra as terríveis doenças espirituais da inactividade cristã responsáveis de muitas apostasias na Igreja. Sim, com a bênção de Deus, «TUDO QUANTO FIZER PROSPERARÁ».

Estes são, de acordo com o Salmista, alguns pontos de capital importância dos quais dependem a salvação definitiva de uma alma. «Mais vale prevenir do que remediar», diz a sabedoria do povo e neste assunto mais do que em qualquer outro, merece bem a preven-

ção. Como é fácil de verificar, nestes três pontos, a Igreja desempenha um papel de relevante importância, como fiel dispenseira da «multiforme graça de Deus» (1 S. Pedro 4:10) na salvação daqueles que se hão-de salvar.

Mas, como dizíamos no princípio deste desprezioso artigo, apostasias haverá sempre. Que fazer então quando com culpa ou sem culpa da igreja local — o que pouco interessa no momento — uma alma se afasta «in actu» da comunhão dos crentes? Estará tudo perdido? De modo algum! Ainda não acaba nem deve acabar aqui o esforço da Igreja. Simplesmente, a partir deste momento, uma nova fase de actividades se inicia, actividade essa tão maravilhosamente ilustrada na arrebatadora parábola da «Ovelha Perdida». «Que homem dentre vós, disse Cristo, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la? E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso; e, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida». S. Lucas 15:4-6. Este maravilhoso quadro do amor de nosso amado Salvador, em busca da ovelha perdida, de mim (!) e de cada um de vós (!) devia inspirar igualmente cada crente em particular e a Igreja no seu conjunto a ocupar-se amorosa e carinhosamente das almas que, feridas por razões várias ou simplesmente desanimadas se afastaram do nosso convívio.

Esta actividade, porém, só deve ser praticada por «especialistas», isto é, por crentes que além da sua experiência e amor pelas almas, saibam usar do tacto necessário ao lidarem pessoalmente com algum irmão afastado. Este tacto, fruto do

(Continua na pág. 10)

CARTA DE MOÇAMBIQUE

(Continuação do n.º anterior)

Se quiserem venham conosco fazer uma visita às catequeses que se encontram espalhadas pelo Distrito da Zambézia, único lugar onde temos permissão oficial para possuir as nossas missões. É desse viveiro que têm saído os fachos de luz que têm irradiado para outros locais, perto e longe, onde a luz do Evangelho vai iluminando as trevas do paganismo e da superstição, levando homens, mulheres e crianças a abandonarem os seus maus costumes, a sua vida primitiva, para viverem de acordo com as normas do Evangelho. Este é ainda hoje o «Poder de Deus para a salvação», como tem sido através de todos os tempos.

A nossa viagem é feita de carro. De caminho aproveitamos para visitar alguns locais de interesse, entre eles Johannesburgo, a cidade do ouro e grande metrópole neste grande Continente negro, e Victoria Falls, as célebres cataratas formadas pelas águas do Zambeze e as maiores do mundo, descobertas pelo grande missionário que foi David Livingstone. A sua grandiosidade faz-nos sentir um misto de admiração e senso da nossa pequenez e fragilidade. E sentimos quão verdadeiras são as palavras pronunciadas por Livingstone: «Os anjos de Deus quando passam por sobre esta maravilha, devem parar para admirar uma beleza!»

De interesse para nós, como povo adventista, é a visita a algumas das nossas missões. Visitámos Solusi, a 60 quilómetros de Bulawaio, na Rodésia do Sul. Foi a primeira missão estabelecida pelos adventistas no continente africano, há 70 anos. A África nesse tempo não era a África de hoje, graças a Deus. Era frequentemente a sepultura do homem branco. E nos jardins da Missão Solusi, os túmulos dos primeiros missionários ali chegados e que pouco tempo aguentaram as agruras de um clima inóspito e a falta de recursos médicos morrendo prematuramente, mostram o elevado preço que foi pago para que a luz da Mensagem do Advento brilhasse neste continente

escuro. Ali estão sepultados o primeiro pastor, seu filho de 12 anos e um médico, da primeira equipe de missionários chegados àquele local.

Na Missão Solusi está instalado um colégio superior para jovens africanos que ali se estão preparando para serem os instrutores do seu próprio povo.

Visitámos também a Missão Malamulo, na Niassalândia, muito conhecida do povo adventista de todo o mundo pela sua leprosaria, para onde tantas vezes temos dado as nossas ofertas do 13.º Sábado, e onde tantos doentes atacados do terrível mal, têm encontrado alívio e muitos a cura completa. Mas o mais importante ainda é que muitos são os que têm encontrado ali a cura para a lepra espiritual que corrói a alma de toda a humanidade—o pecado. Existe ali um bom hospital com diversas secções para pessoas de todas as raças, além do leprosário propriamente dito. Duas capelas (uma na leprosaria), um liceu e Escola Normal. O hospital tem vasta concorrência de europeus e muitos dos nossos compatriotas que residem perto da fronteira e até mesmo em Quelimane a mais de quinhentos quilómetros, procuram ali alívio para as suas doenças, em especial para intervenções cirúrgicas e partos. A competência e honestidade dos médicos da Missão Adventista de Malamulo são bem conhecidas em toda a região e até dentro das nossas fronteiras. A palavra «Malamulo» significa «Mandamentos» na língua nativa. Muitos portugueses com quem falámos durante o período em que meu marido ali foi submetido a uma intervenção cirúrgica, tiveram oportunidade de conhecer um pouco da nossa fé e da guarda dos mandamentos. Faz-se ali sentir a falta de um pessoa que fale português, não somente para servir de intérprete aos muitos portugueses que ali vão tratar-se, mas também para fazer entre eles trabalho de evangelização. Aconselhei os médicos ali a fazerem apelo à enfermeira Alberta Hode, do hospital do Bongo,

que conheci nos Estados Unidos, e cujo espírito missionário tive ocasião de apreciar. Dada a actual impossibilidade de voltar para o seu campo de trabalho missionário que ela tanto ama, seria uma boa aquisição para o hospital de Malamulo. Mas deixemos essas terras estranhas

DR. SAMUEL RIBEIRO



Partiu para Moçambique o nosso prezado Amigo e Irmão na Fé, Dr. Samuel Ribeiro, onde vai prosseguir nos seus labores em prol de Deus e da Pátria.

Um numeroso grupo de amigos e admiradores reuniu-se no porto de embarque para lhe testemunhar os seus sentimentos de amizade e simpatia, tendo-o cercado com o calor da sua dedicação e carinho. Fica, por enquanto, a sua Ex.^{ma} Esposa com os gentis Filhinhos, dada a circunstância de se aguardar a chegada de um novo membro para o lar dos nossos prezados Irmãos.

Com os votos de que haja uma dupla feliz chegada e de que o Senhor nosso Deus continue a abençoar o nosso prezado Irmão, Dr. Samuel Ribeiro em todos os seus trabalhos, assim como sua Esposa, Filhinhos e demais Família, aqui reiteramos as nossas saudações amigas e cristãs.

e penetremos em território português.

A primeira visita foi a Vila Cabral, a dois membros de igreja que têm vivido sôzinhos por esse mato africano durante três anos, longe da igreja e do convívio de outros irmãos da mesma fé: Bernardina Baião e Ulisses Pedro. Foi para nós um grande prazer podermos abraçá-los e passar alguns dias na sua casinha naquela longínqua praiasinha nas margens do Lago Niassa. E eles sentiram também grande conforto de nos terem com eles e por sua vontade teríamos ficado muito mais tempo. Mas o tempo estava contado e era preciso partir o que fizemos com a promessa de voltarmos, pelo menos no ano seguinte!... Mas hoje felizmente, a Bernardina, o Ulisses e o Luisinho estão mais perto da Missão de Mungulúni, apenas a uns 60 quilômetros de distância, e, a vizinhança da Missão é para eles um conforto e arrimo espiritual.

Estamos agora chegados ao mato, ao lugar onde iremos realizar o primeiro congresso, depois de termos andado perto de 400 quilômetros desde Vila Cabral em caminho que só os que por cá andam ou andaram podem apreciar. Uma cabana de pau a pique e terra amassada, com telhado de capim, será o nosso lar durante alguns dias. Não há nenhum conforto da civilização, não há água corrente, a pouca que nos trazem é de aspecto duvidoso, trazida sabe-se lá de onde, à custa de inúmeros sacrifícios. Precisamos ter muito cuidado com ela, pois é muito traiçoeira. Felizmente que a Land-Rover da Missão com o seu Director, Eng. Nunes Ramos e o professor, A. Maurício veio ao nosso encontro e trouxe alguma água de mais confiança e fervida pelo prudente cuidado da irmã Sara. O seguro morreu de velho e é verdade. Em África temos de ser muito prudentes.

Embora em moldes primitivos e sem os requintes da civilização, a vida processa-se normal e alegremente e a saúde não nos falta, pela graça de Deus. É isso que sempre pedimos ao Senhor.

O trabalho em Mepina, local do nosso primeiro congresso, é realizado por um obreiro leigo, fiel membro da igreja, que procura es-

palhar entre o seu povo a mensagem da breve volta de Jesus. Foram baptizadas sete pessoas nas águas de um pântano, como resultado do seu fiel trabalho. Uma airosa capelinha feita por ele, também de terra mas caiada de branco, mostrava bem o amor que aquele homem simples dedica ao seu trabalho para o Senhor. Antes de partirmos dali veio o soba do lugar pedir para lhe mandarmos um professor, pois havia dezenas de crianças sem escola. Num raio de vinte quilômetros não há nenhuma escola, nem oficial nem de qualquer missão, e aquelas dezenas de crianças para ali estão sem a luz da instrução que poderá fazer deles cidadãos prestáveis, à Pátria e à sociedade.

Ao terminarmos o congresso nesta catequese dirigimo-nos para outra, onde devíamos chegar nesse mesmo dia, pois segundo o programa e itinerário feito pelo nosso secretário a primeira reunião teria lugar à noite. Mas Mepina fica a mais de 100 quilômetros de Mucoro e por estas estradas tão ruins representa mais do dobro. E depois é preciso contar também com os imprevistos que de vez em quando acontecem aos carros. Era já noite bastante alta quando chegámos a Mucoro. Pensámos que ninguém nos esperaria. Mas quando o barulho do carro se fez ouvir, de todos os lados surgiram rostos escuros, de homens, mulheres e crianças, contentes e felizes de verem que não tínhamos faltado, apesar de tudo. Sorriam e falavam. Não compreendíamos o que diziam mas compreendíamos os seus sorrisos. Mais uma vez tivemos de descarregar os carros, armar as camas de campanha, comer algum coisa e em seguida deitarmo-nos naquelas camas duras para descansar de uma viagem que tinha sido bem fatigante.

O trabalho nesta localidade, Mucoro, é também dirigido por um pregador voluntário e foram baptizadas 5 pessoas. Estes pregadores voluntários são as verdadeiras cunhas de entrada em territórios virgens do conhecimento da verdade. De vez em quando temos a notícia de mais um lugar onde a mensagem de Deus é prègada. A Missão não mandou para lá nenhum catequista; o que aconteceu? Um destes homens, por sua própria iniciativa,

foi falar do Evangelho à família e aos amigos. Assim se desperta o interesse. Depois vai um pastor interrogar os que ele preparou para o baptismo e se candidato está bem preparado, é baptizado. E devemos dizer que quase sempre estão muito bem preparados. E depois começam os apelos para o envio de um mestre que ensine as crianças e evangelize os adultos. E tudo isto como resultado do fiel trabalho dos obreiros leigos. E a tarefa não é muito fácil para eles. Alguns no passado sofreram muito por causa da sua fé. Foram presos e espancados. Um contava numa das reuniões: «Eu fui preso e bateram-me, mas não me doeu nada. Se vocês forem batidos por roubarem ou fazerem qualquer outra coisa mal feita, a pancada dói, mas se baterem em vocês por causa do Evangelho e por vocês serem obedientes aos mandamentos de Deus, a pancada não dói.» E assim eles são fiéis e valorosos, e ousados em prègar o Evangelho da salvação.

As reuniões são sempre muito bem frequentadas e o povo é simpático e amável. Nalguns lugares a sua maior admiração era ver a «senhora branca» vivendo no seu meio, nas suas casas, contactando diariamente com todos eles. Os miudos vinham espreitar pelos buracos das janelas e depois diziam uns para os outros: «Olha como eles abrem a boca, olha como eles comem» e outras coisas semelhantes. Para aquelas criaturas primitivas, tudo o que o branco faz é uma admiração. Mas quanta tristeza sentíamos de ver aquelas dezenas de crianças sem escola! Alguns têm ido para a escola da Missão de Mungulúni para ali estudarem. Mas a Missão fica a 300 quilômetros de distância, que eles têm de percorrer a pé. E poucos têm coragem para o fazer.

Partimos destes locais tão distantes para os congressos na área de Milange. Milange fica na fronteira com a Niassalândia e a 120 quilômetros da Missão Malamulo. Os membros mais antigos desta área conheceram o Evangelho por intermédio desta Missão. Há membros que estão baptizados há mais de 35 anos e têm sido fiéis mensageiros do Senhor no meio do seu povo. Temos uma central em Magassanja, a 50 km de Milange, com

um pastor e um catequista. O soba dali (muene) é membro baptizado há mais de 30 anos. É muito estimado pelas autoridades, que o conhecem como um homem honesto, trabalhador e respeitado pelo seu próprio povo. Há dias esteve em Lourenço Marques a convite do Governo Geral. Tem sido um auxílio e uma bênção para o trabalho do Senhor ali. Temos naquela área mais de dois mil membros e o seu anseio e constante pedido é que um missionário europeu seja estabelecido naquele local, para dar incremento à obra educacional e médica. Existe ali uma escola de adaptação dirigida pelo catequista e sua jovem esposa e que tem à volta de 300 alunos. Mas o ideal seria realmente enviar para ali um casal missionário, que pudesse dirigir a escola e abrir um pequeno dispensário. Até agora não tem sido possível fazê-lo por falta de homens e de meios, mas talvez isso seja possível num futuro não muito distante.

Depois de mais alguns congressos nesta área, dirigimo-nos para a Missão de Mungulúni, para realizar o congresso maior o da Missão. Foi com alegria que abracei as nossas irmãs Sara Ramos, Lídia Maurício e Rosa Saboga Nunes, que com suas famílias constituem o pessoal actual da Missão.

Munguluni é um lugar agradável. Fica a 80 km de Mocuba, e alcança-se através de uma estrada que, só é sofrível nos meses em que não chove. No tempo das chuvas é um verdadeiro tormento transitar por ela e isso só é possível a veículos grandes e em especial com tracção às 4 rodas.

Na nossa primeira viagem à Missão, em Março do ano passado, enquanto ali nos encontrámos, a chuva danificou de tal maneira a estrada e as pontes que foi com grande dificuldade que alcançámos Mocuba para voltarmos para Lourenço Marques. Houve uma grande tempestade no dia em que o irmão W. A. Wild partiu da Missão para regressar à Europa e se tivesse demorado mais algumas horas já não poderia ter partido de lá durante quase uma semana, tempo que levou a repararem a estrada. Nós tivemos de atravessar uma ponte quase de gatas e tomarmos lugar

num grande camião de carga que se encontrava no outro lado e pertencente a um comerciante de Mocuba. A viagem naquele camião foi um grande tormento, com aquela estrada toda esburacada. Mas todos se portaram bem, incluindo a irmã Maria Augusta Carrilho que se dirigia para Mocuba à espera do seu herdeiro que nasceu daí a alguns dias. Ainda bem que o bebé que não se sentiu mal com a viagem e não desejou nascer no caminho! Teria sido uma tragédia!

Mas voltando a Mungulúni, como disse atrás, é um lugar muito agradável. Está situada numa elevação e, quão felizes nos sentimos, quando, após andarmos algumas dezenas de quilómetros sem vermos uma única povoação, divisámos lá ao longe as casinhas brancas da Missão. Existem ali quatro casas de habitação, com água corrente e electricidade. Estas comodidades foram possíveis graças à generosidade dos nossos membros da Escola Sabatina. Mas ajudam os nossos missionários que ali trabalham abnegadamente, a sentirem-se um pouco mais confortados no seu isolamento. Existem também outros edifícios, igreja, escritórios, escola primária, escola de artes e ofícios e um pequeno dispensário. Os obreiros estão bastante ocupados e suas esposas dão o seu esforço também às actividades da Missão, cada uma segundo os seus talentos: Na escola, no escritório e no dispensário. Desejo apenas fazer uma pequena referência ao dispensário e ao trabalho admirável que ali se realiza, apesar dos limitados meios de que dispõe. Todos os dias aparecem em média 30 a 40 doentes para serem tratados. A Irmã Lídia Maurício, com toda a sua competência e dedicação tem realizado ali um trabalho admirável, colaborada com alguns auxiliares nativos. Assisti a um parto feito por ela, e pude apreciar o quanto se esforçou até ao limite das suas forças para salvar aquela criança. Mas a respiração artificial que fez à criança não foi bastante para insuflar o ar naqueles pequeninos pulmões já asfixiados. E com que pena ela dizia: «Se tivéssemos uma bomba de oxigénio, isto não teria acontecido!» E lembro também aquele pobre velho, com as pernas e braços todos quei-

mados, que se recusou a ir para o hospital como ela lhe aconselhou, por ver quão grave era o seu estado e não dispor no dispensário dos meios necessários para o seu tratamento. Mas o homem recusou-se a ir para Mocuba e preferiu ficar na Missão. E Deus abençoou o trabalho feito pela enfermeira. E tantos outros que teriam morrido não fora o serviço abnegado que o Dispensário realiza com os poucos meios de que dispõe. Quanto trabalho se poderia fazer se em vez de um pequeno dispensário com uma enfermeira, tivéssemos um hospital com um médico e algum pessoal de enfermagem. Não precisaria ser muito grande, mas mesmo pequeno seria muito precioso. Num raio de 60 a 80 km. não há nenhuma assistência médica. Seria pois de grande auxílio não só para as populações autóctones, mas também para muitos europeus que vivem e labutam isolados no meio do mato sem recursos médicos acessíveis, e que, temos a certeza, acorreriam também ao nosso hospital, caso o tivéssemos. A nossa oração é que num futuro muito próximo possamos ver tornados realidade este anseio do campo missionário de Moçambique e que vejamos aqui também estabelecida a «cunha de entrada» que a obra médica constitui em todos os campos missionários. Temos a certeza de que muitos preconceitos seriam derrubados, como acontece noutros locais, em Angola por exemplo. O bom trabalho médico ali realizado tem sido a alavanca que tem impulsionado todo o trabalho missionário naquela província. Oremos para que o mesmo possa acontecer em Moçambique.

O congresso na Missão de Mungulúni realizou-se com a presença de alguns europeus, 8 ao todo, que vieram assistir às reuniões. Foi a primeira vez que tal se deu. Alguns vieram de longe, da Beira, e muito apreciaram as reuniões realizadas. Uma das pessoas que assistiu, foi baptizada alguns dias mais tarde. Foi a nossa irmã Laurinda Parreira, que conheceu a mensagem em Lisboa, onde assistiu a algumas classes baptismais. Os baptismos realizados em todos os Congressos ultrapassaram a casa dos 700. Sentimos que só o poder de Deus pode realizar um tal trabalho. Lembremo-nos que

Como trazer à Igreja os crentes afastados

(Continuação da pág. 6)

amor sem dúvida, é também ditado por um mínimo de conhecimento da natureza humana. Antes de mais precisamos de nos revestir de uma grande medida de **compreensão**, que nos leva em certos aspectos, a colocarmo-nos no lugar da pessoa ofendida ou desanimada e tendo sempre presente este princípio: — Não podemos persuadir ninguém a seguir a verdade, simplesmente, por lhe convenceremos friamente do seu erro. O que antes de mais nada devemos fazer é conquistar-lhe o coração o que será fácil se o convenceremos das nossas boas intenções e de que o amamos sinceramente, que estamos dispostos a orar juntamente com ele e com ele juntamente suplicarmos forças e o perdão de Deus. Uma vez estabelecido este laço de união estaremos no bom caminho para realizar uma obra valiosa a seu lado e o Espírito de Deus poderá servir-se de nós para conduzir de novo essa alma à Igreja.

Devemos igualmente acautelar-nos em não despertar o espírito de antagonismo dando lugar a que o membro afastado fale demoradamente nas supostas injustiças de que pretende ter sido vítima quer da parte dos homens quer da parte de Deus. Procuremos sim compreendê-lo mas acima de tudo esforcemo-nos por elevar o seu espírito para uma atmosfera agradável, de fé, de coragem e de confiança em Deus.

Os nossos temas de conversação devem ser simples e agradáveis. Evitemos falar demoradamente em assuntos negativos, como por exemplo, o julgamento e castigo dos im-

pios, o sofrimento como resultado do pecado, etc. escolhendo antes temas positivos como o amor de Deus, Seu cuidado paternal, a vida eterna e alegria dos santos. Podemos eventualmente propor que ele escolha o texto bíblico que mais aprecia ou o seu hino favorito se acaso fizermos reuniões em sua casa. Isto far-lhe-á lembrar-se de felizes tempos passados e sentirá a emoção de um regresso a uma vida que há tanto esquecerá!

A Igreja fará a sua parte orando pelo bom êxito desta e outras entrevistas semelhantes e deve cultivar um ambiente tal que se amanhã um outro irmão afastado regresso ao seu meio não se sinta deslocado com olhares indiscretos, mas sim animado e confortado no seu meio. Por que, não cantar, numa ocasião destas, por toda a congregação, o cântico «Oh! que Belos Hinos!» e serem-lhe dirigidas, da parte do pastor ou ancião da Igreja, palavras de boas-vindas e a certeza da simpatia e amor da congregação? Tal dia nunca mais poderá esquecer. E muito menos a Igreja que terá encontrado a «sua ovelha perdida».

Sim uma grande obra deve ser feita por nós neste sentido. Oremos por estas almas e trabalhem por elas antes que seja tarde demais. E acima de tudo lembremo-nos do conselho da Palavra de Deus: —

«Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados». S. Tiago 5:20. Amén.

ainda não disse nada sobre o trabalho em Lourenço Marques. Fá-lo-ei numa próxima carta. Oraí pela Obra do Senhor em Moçambique.

Irene Brito Ribeiro

UM APELO aos jovens do nosso tempo

(Continuação da pág. 5)

Este respondeu: «Fala, que o teu serve ouve». Então, embora não passasse de menino, foi-lhe aberto o entendimento para compreender os propósitos divinos e antes de muitos anos «conheceu todo o Israel, desde Dão até Berseba, que Samuel era profeta de Jeová». (I Samuel 3:20).

«Meu jovem leitor, rapaz ou menina, presta atenção e ouve também os apelos que te são dirigidos do Alto. Escuta, porque talvez neste próprio momento possas ouvir a voz divina. Ouve com atenção. Dispõe-te apenas a cumprir a vontade divina e a pedir o socorro de cima. Se te for dirigido o apelo ao alistamento no grande exército dos que lutam contra o Mal, nesta hora crítica, aceita-o. Responde como Isaías: «Eis-me aqui: envia-me!».

«Este acto de entrega unir-te-á desde já à companhia dos escolhidos e abrirá a porta das mais amplas possibilidades de comunhão prazenteira e de serviço com o Senhor. Transformar-te-ás em poder vivificador do bem, em fonte permanente de bençãos. F. B. Meyer escreveu certa ocasião:

«Não há limites para as possibilidades de uma vida entregue a Deus e que se transformou numa porta ou numa avenida pela qual Deus pode derramar-se a si mesmo no mundo».

(Compilação de trechos de «A Hora Mais Crítica da História» págs. 387 a 399. — Com a devida vénia).

J. J. Laranjeira

Quando tiver dificuldade em oferecer uma lembrança a pessoas amigas, mostre o seu bom gosto oferecendo-lhes uma assinatura de qualquer das nossas obras, revistas ou publicações.

os primeiros 500 membros levaram 22 anos a alcançar. Agora, num ano apenas, 700 baptismos! Louvado seja Deus! É Ele que servindo-se de humildes instrumentos, tem realizado uma obra tão grandiosa.

Esta carta já vai muito longa, e

Louvor às Mães

Foi segundo este dístico que a igreja de Cascais homenageou os seres que mais influência têm na educação. E isto é bem certo se repararmos como, quer em relatos de tempos mais longínquos, quer em épocas mais chegadas, são, o ambiente do lar e o fervor das mães que mais influem na formação do carácter dos filhos. Encontra-se notícia disso já nos tempos bíblicos e mesmo em exemplos actuais.



Ora, atendendo a este facto, a igreja de Cascais dedicou a noite de Domingo — 24 de Maio a uma singela festa que exaltava o amor e o carinho da mãe por cada um de nós e distinguindo cada mãe presente com um botão de rosa, o ponto culminante da homenagem. As mães presentes, de maior e menor idade, respectivamente 82 e 23 anos foram contempladas com um ramo de flores.

Graças a Deus, a festa decorreu toda ela num ritmo alegre, ainda que em alguns pontos sentimental, havendo a iniciar uma pequena exposição acerca dos seus antecedentes de que se encarregou o irmão Pastor David Vasco.

E assim esta congregação tentou ser mais uma vez um testemunho para que principalmente aqueles que vieram à Casa do Senhor pelas primeiras vezes possam compreender quão agradável é o ambiente cristão.

Carlos Alberto Lopes

Porque não aceitamos os livros apócrifos

EM Tobias 6:5, 8 e 19 lemos que o fumo proveniente do coração queimado de um peixe, «afugenta toda a casta de demônios». Será possível que Deus tivesse ordenado a um dos seus anjos que recomendasse práticas supersticiosas, como esta? O mesmo livro (Tobias 12:8 e 9) afirma que «a esmola livra da morte» e do pecado.

No livro de Judite há este passo: «Ó! Deus de meu Pai Simeão, que lhe deu uma espada para executar vingança contra os estranhos». Porventura deu o Senhor uma espada a Simeão para destruir o povo de Síquem? (Ver Génesis 34:30; 49:5-7). Segundo o Génesis foi este um acto pecaminoso de Simeão, e os resultados foram terríveis. Assim, o livro de Judite contradiz o que está no Génesis.

O outro livro apócrifo chama-se «sabedoria». Conterá ele textos inspirados? Em Sabedoria 3:1-6 encontramos a doutrina do Purgatório (ou pelo menos o passo é usado para basear tal doutrina), onde as almas são atormentadas.

Que faz o livro da Sabedoria com o plano da salvação? Aniquila o plano da salvação levado a cabo por nosso Senhor na cruz. Se os pecados podem ser queimados, não necessitamos do Salvador.

Graças a Deus, o seu sangue é que nos purifica do pecado (I S. João 1:7).

A pré-existência da alma é outro falso ensino que encontramos no livro de Sabedoria. (Ver cap. 8:19 e 20). Esta é a evidência de que o livro de Sabedoria não faz parte da Bíblia.

E a respeito do livro de Baruc? Ensina este livro apócrifo que Deus ouve as orações dos mortos: «Senhor Omnipotente, Deus de Israel, ouve agora a oração dos mortos de Israel...» (Baruc 3:4).

Mas os livros inspirados ensinam de outra maneira totalmente diferente: «Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.» (Salmo 115:17). «E não sabem coisa nenhuma... porque na sepultura para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem Ciência, nem sabedoria alguma.» (Ecl. 9:5 e 10). Evidentemente, o livro

de Baruc não pode nem deve encontrar um lugar nos escritos sagrados.

E que diremos, agora, acerca dos livros dos Macabeus? Estarão, porventura, em concordância com a Inspiração?

Muitos passos podem denunciar a falta de inspiração que lhes é característica. Basta um passo: «É pois um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados». (II Macabeus 12:46).

Este é um dos textos apócrifos que muitos alegam para provar a doutrina do Purgatório.

Nosso Senhor e os apóstolos só usaram os livros canónicos do Velho Testamento, e nunca se referiram a nenhum passo dos apócrifos.

Até mesmo S. Jerónimo que traduziu a Bíblia para latim, na edição denominada Vulgata, estabeleceu a diferença entre os livros canónicos do Velho Testamento e os livros apócrifos, porque estes não concordavam com aqueles.— Condensado de um artigo de Mary Walsh, em *Review and Herald*.

O que é a Bíblia para Billy Graham

NÃO se pode negar que o Dr. Graham anunciou o Evangelho não importa a quantas mais pessoas do que outro qualquer pregador da história cristã. Além disso, poucos homens, no

ministério, viajaram tanto como ele em tantos países diferentes sempre no meio de muitas ocupações.

«Entre nós, pregadores, há a tendência para ler a Bíblia a fim de nela colhermos novas «munições». Temos de reconhecer que a Sagrada Escritura representa a nossa obra de referência ideal quando preparamos os nossos sermões. Mas ela é também muito mais do que isso: é a nossa força e o nosso amparo.

«Vários anos de experiência têm-me ensinado que é preferível que eu me prive de um pequeno almoço do que de uma sessão de estudo da Palavra de Deus. Isto quer dizer que a leitura da Bíblia deve ser considerada como uma espécie de feitiço religioso, de mascote! Por mim, tenho verificado que me falta o espírito de decisão, de finalidade no meu comportamento e de luz em geral quando escuro o que se

CURSO BÍBLICO

É com o maior prazer que anunciamos aos nossos prezados Irmãos, Amigos e Simpatizantes, que a partir do próximo mês de Outubro, vai funcionar, em Lisboa, o CURSO BÍBLICO, que, em conexão com o Seminário de Collonges, se destina à formação de Obreiros Bíblicos, aos quais concederá o respectivo diploma.

Vão ser enviadas instruções pormenorizadas a todos os nossos Irmãos Obreiros para fornecerem os esclarecimentos que lhes forem pedidos, pelos interessados, e estarem aptos a dar as informações necessárias, relativas ao CURSO BÍBLICO.

tornou para mim mais precioso do que o próprio alimento para o meu corpo!

Já de há muitos anos que tenho o hábito de ler cinco Salmos e um capítulo do livro dos Provérbios, todos os dias. Os Salmos mostram-me que espécie de relação eu posso manter com Deus na minha vida quotidiana. Ensinam-me o louvor; ensinam-me a adorar — a «habitar no esconderijo do Altíssimo, a repousar à sombra do Omnipotente» (Sal. 91:1).

«Quanto ao livro dos Provérbios, indicam-me os laços que podem e devem estabelecer-se entre mim e os meus semelhantes, e subsistirem ao longo da minha existência. O

primeiro texto da Escritura que aprendi de cor foi um versículo dos Provérbios (3:6) que a minha mãe me tinha ensinado:

«Reconhece o Senhor em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas». Esta dúzia de palavras, aprendida na infância, constituem a base da fé, que mais tarde, transformou a minha vida.

«Julgo que a meditação dos Escritos sagrados à qual temos de nos dedicar sem pressa, tem muitíssimo valor. Quando percorro um capítulo da Bíblia, de manhã, consagrando, em seguida, uns momentos à meditação sobre a leitura feita, o Espírito Santo faz-me descobrir novas possibilidades de interpreta-

ção tão elevadas como reveladoras. Também, muitas vezes, esta Palavra me comove a tal ponto que sou obrigado a deter-me na meditação e a passear, um pouco na sala em que me encontro, até que volte a ficar calmo!

«Se as Escrituras não nos inspiram quando as estudamos no isolamento do nosso gabinete de trabalho, podemos estar certos de que também não hão-de inspirar aqueles a quem pregarmos o seu conteúdo. Se elas não tocarem os nossos corações, muito menos vão tocar os corações dos nossos ouvintes. Se elas não comoverem o pregador, também não comovem os seus fiéis.»

“O Dia Mais Longo”

(Continuação da pág. 1)

nas de fumo» exclama Joel que vê o «grande e terrível dia do Senhor» (Joel 2:30 e 31). E recordemos a impressionante descrição do «Grande Dia» que nos é apresentada pelo profeta Sofonias: «O grande dia do Senhor está perto e apressa-se muito a voz do dia do Senhor: amargamente clamará ali o homem poderoso. Aquele dia é um dia de indignação, dia de angústia e de ansia, dia de alvoroço e de desolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas. Dia de trombeta e de alarido contra as cidades fortes e contra as torres altas. E angustiarei os homens e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o seu sangue se derramará como pó, e a sua carne como esterco. Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo toda esta terra será consumida porque certamente fará de todos os moradores uma destruição total e apressada». (Sofonias 1:14-18).

Tal é o macabro destino de um mundo revoltado contra Deus, cuja Lei desprezou e calcou aos pés; conclusão lógica da iniquidade milenária praticada ostensivamente sob o impulso de Lúcifer.

No meio de todos os sinais preditos pelo Salvador, anunciando a Sua gloriosa Vinda, anunciando aquele Grande Dia do Senhor, incumbe-nos a singular missão de apregoar bem alto a Vinda iminente de Jesus.

A ideia da Segunda Vinda de Jesus percorre toda a Bíblia, desde a primeira à sua última página. Salienta-se, principalmente, no Novo Testamento, onde mais de trezentos passos se lhe referem. Quando Jesus disse aos discípulos «Virei outra vez» fez-lhes a promessa que tem sido sempre através da história agitada do Cristianismo a «bem-aventurada esperança» que tem dado força aos crentes para defrontarem perseguições e guerras, animando-os na hora grandiosa do martírio.

Jesus vai voltar, dentro em breve. Os sinais precursores estão-se realizando a olhos vistos, por toda a parte, de acordo com a Palavra Inspirada.

Jesus vai voltar para enxugar todas as lágrimas, para levar os salvos para o Reino Eterno, assim como para desafrontar o nome de Deus das calúnias lançadas por Satanás contra a Lei Divina.

Agora mesmo Jesus nos repete o seu aviso de outrora: «Estai vós apercebidos também, porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis». (Mateus 24:44). Sabemos, de certeza, que a Vinda do Salvador está iminente. Temos de corresponder ao apelo que Ele nos dirige para trabalharmos com todo o zelo para apressar o «grande dia do Senhor». «Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Ora vem, Senhor Jesus». (Apocalipse 22:20).

Notícias da Igreja de Coimbra

Coimbra continua a ser a Atenas Portuguesa e creio que só S. Paulo poderia dar notícias concretas desta cidade tão entregue aos seus estudos e tradições, como outrora a capital dos gregos.

Para já, somos a dizer que o trabalho se estende cada vez mais e esperamos que o Senhor abençoe

Boletim Adventista de Angola

O Número 16 desta bela publicação «Boletim Adventista de Angola» comemorando o Quadragésimo Aniversário do estabelecimento da Obra Adventista em Angola apresenta-se numa edição especial, comemorativa de tão faustoso acontecimento. Abre com um artigo do seu Director e Editor, Pastor E. Ferreira em que resume numa síntese perfeita a acção missionária adventista destes quarenta anos, seguindo-se a colaboração de alguns nomes de destaque na nossa obra angolana, tudo bem documentado com boas fotografias.

Está de parabéns o nosso prezado Amigo e Irmão Pastor Ferreira, agora pelo aspecto gráfico deste número do Boletim Adventista, assim como a Tipografia do Bongo que executou o trabalho.

Este Número 16 do boletim Adventista de Angola constitui um documento precioso para a história do nosso Movimento em Angola.

Que Deus continue a abençoar a Sua Obra na vasta União Angolana para que em breve possamos saudar-nos todos na Pátria Celestial são os votos cordiais da REVISTA ADVENTISTA.

os esforços de cada um dos Seus servos.

Além de Coimbra e Figueira da Foz, temos o trabalho estabelecido nas seguintes localidades: Arganil, Serpins, Monsarros, Sangalhos e Vieira de Leiria. Nestas duas últimas localidades devemos o interesse ali manifestado ao entusiasmo dos Irmãos António Santiago e João Martins. São de facto dois Irmãos cheios de boa vontade e animados do melhor espírito de evangelização.

De Sangalhos, esperamos colher, já alguns frutos este ano — além da Família Santiago. Querendo Deus, pensamos ter uma sala própria para pregar ali o Evangelho. Quando estas mal anotadas linhas forem lidas é muito natural que já estejamos nessa dita sala.

Desde o princípio do ano que a Figueira da Foz é assistida pelo nosso irmão Colportor-Evangelista Arnaldo Borges. Este nosso Irmão tem feito uns contactos interessantes e estamos certos que as almas contactadas decidir-se-ão pela Mensagem de Deus.

Aqui por Coimbra, mais uma vez se manifestou o bom espírito missionário, pois ao cabo de três semanas, sem se forçar muito a marcha, tínhamos alcançado e ultrapassado o Alvo da Companhia para as Missões. Tudo correu muito bem. Fomos bem recebidos e não houve uma nota discordante. Graças a Deus.

Presentemente estamos, ou melhor, a Juventude está às voltas com os papéis para a Festa das Mães. Esperamos ter uma boa assistência como aconteceu na Festa de Fim do Ano

Contudo, a Igreja, prepara-se para a maior festa Adventista — OS BAPTISMOS. Se Deus quiser e temos a certeza que sim, vamos ter essa festa na data prevista, 20 de Junho. É muito natural que alguns dos nossos jovens desejem baptizarem-se no Acampamento,



No passado dia 31 de Maio, consorciaram-se, no Porto, os nossos prezados Irmãos D. Regina Graça de Jesus e António de Jesus.

Que Deus abençoe, grandemente o novo lar adventista são os nossos melhores votos.

O prezado Irmão António de Jesus seguiu para S. Tomé onde vai colportar, durante alguns meses.

Que Deus o acompanhe e abençoe o seu trabalho.

tanto mais que terá lugar nesta região — Figueira da Foz. Desde já pedimos a Deus que abençoe os novos candidatos ao baptismo.

Estamos gratos ao Conselho da União e à boa vontade da Divisão Sul-Europeia pela alta verba votada para a CONSTRUÇÃO dum TEMPLO para Coimbra. Que isto possa ser um facto para prestígio da Obra de Deus nesta cidade e para honra e glória do Seu nome.

Samuel Reis

A VOLTA PARA DEUS

Joice Bryant, a famosa cantora negra norte-americana convertida à Igreja Adventista, conta a sua comovente história.

QUASE desde o dia em que me tornei cantora em Los Angeles, após a Segunda Guerra Mundial, a minha vida foi uma contradição. Estava desempenhando um papel contrário aos meus sentimentos, e quanto ao qual não tinha convicção. Embora grangeasse reputação como cantora de músicas populares, desprezava eu, a cada momento, esse modo de vida.

Isto de viver duas vidas ia além das minhas forças. Oito meses atrás, cheguei à decisão de que não poderia por mais tempo continuar no caminho largo. Cantei a última daquelas canções de vida nocturna, vesti o último daqueles vestidos, usei as últimas pinturas e pela última vez, pus jóias.

Não haveria mais *shows* com a minha participação; não mais a melancolia das canções sussurrantes. Segui então o único caminho que sabia levava para Deus, e encontrei, pela primeira vez, a genuína paz de espírito.

Para mim, essa nova fé significa vida e finalidade, uma razão para viver. Lançou o temor para fora de mim; removeu os impulsos e o complexo de culpa sob o qual trabalhei, durante muito tempo.

Eu não estava preparada para reconhecer, quando comecei a cantar em *boites*, que estava começando a prestar culto a uma insidiosa forma do mal — que é atraentemente revestida de fama, de adulação e de louvor, e que tem como bandeira, riquezas, peles e jóias.

A minha mãe, que era membro fiel da igreja, avisou-me dos laços da carreira de uma cantora. A minha própria consciência me aguilhoava. Mas, quando me acenavam com o contrato que oferecia várias centenas de dólares por semana, para fazer uma coisa que me custava pouco esforço, eu fechava os ouvidos. Passei dez anos dez mil desgostos subsequentes antes de vir finalmente a ouvir a voz do Espírito Santo para me voltar para as riquezas que não perecem.

A bola de neve que era o negócio dos *shows* começou a rolar, virando rapidamente, de cabeça para baixo. Uma bem conhecida agência de turismo começou a patrocinar pequenas temporadas para mim. Cantei em todo o país. Tomei um apartamento em Nova Iorque com vista para o Parque Central. Tinha um empresário pessoal, um jornalista e milhares de dólares em contratos. Certamente, não podia querer mais.

Mas havia mais. A taça da celebridade contém alguma outra coisa, além de louvor e de brilhantes tributos. Um sabor de amargura começou a solapar a minha profunda segurança pessoal. Experimentei, muitas vezes, os frutos saborosos, porém, descobri uma diferença entre eles e o que tinha conhecido da vida mais plena. Ocasionalmente assistia a um culto numa igreja e ponderava profundamente. Estaria eu buscando maior felicidade? Uma vaga inquietação me cercou.

Sempre mandara dinheiro para os meus parentes que ficaram na Califórnia, mas raramente os visitava. Então, repentinamente, julguei que talvez estivesse abandonada pela boa gente da minha terra. Segui de avião para casa. A minha avó convidou-me a ir a um culto com ela. O Pastor Byron Spears, que julgo ser um perfeito cristão, falou naquela ocasião. Fiquei fortemente impressionada, e pedi-lhe uma entrevista para considerar a minha crescente infelicidade.

Durante a nossa palestra, começou a cristalizar-se dentro de mim a convicção de que não me convinha a vida que eu estava levando. Achei que estava abusando de um dom que Deus me concedera. Em lugar de cantar para Ele, estava eu escutando a voz da sereia, e aquela voz estava-me embalando para eu dormir.

Quando o Pastor arrazoou comigo, tomei a defensiva. Que farei das

obrigações que tenho para com as pessoas a quem estou ocorrendo?

O Pastor respondeu-me: Miss Bryant, o Espírito Santo está-lhe falando. Peça-lhe que não volte as costas a essa voz.

Desesperada, tentei nova aproximação:

—O Pastor julga que é possível fazer um ajuste com Deus? Se Ele me der dois anos para eu endireitar a minha situação financeira, então servilo-l'Q-ei no resto da minha vida.

O Pastor Spears asseverou-me que ninguém podia fazer um tal ajuste com Deus, mas que poderíamos orar.

Foi-me dada uma Bíblia e alguma literatura mais, e comecei a sentir-me melhor. Dentro de dois anos eu deixaria os *shows*, foi a promessa que fiz a Deus e a mim mesma.

Como poderia alguém ter sido tão louco? Nenhum momento do futuro nos é prometido. Não admira que o pregador de Eclesiastes tenha escrito há muito tempo: «Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento.»

O que quer que estejamos a fazer, se tivermos a mais ligeira dúvida de tal coisa ser aprovada por Deus — hoje é dia, agora é tempo de parar. Jamais haverá ocasião mais propícia para fazer o que é certo, do que a presente.

Li a Bíblia, durante alguns meses, e disse a mim mesma: «Manterei o meu compromisso com Deus». Mas gradualmente fui-me tornando indiferente para com a Mensagem e abandonei qualquer acção decisiva. Era muito mais fácil atingir o perigoso cume da popularidade, ganhar bastante dinheiro, comprar roupas finas, perfumes e peles. Estava sendo levada de roldão na grande corrente da vida mundana. Comprava bolsas e lenços importados, sem atender a preços. Todos os demais adoptavam o luxo e pareciam ter achado a felicidade. Pensei que o luxo também me traria a felicidade. Nesta pomposa disposição de ânimo, afastei-me, cada vez para mais longe da minha volta para Deus.

(Conclui no próximo número)

lecer o direito de apelo a Roma em caso de litúgio entre bispos e igrejas. Tal medida daria ao bispo de Roma o prestígio que a maioria dos crentes não lhe reconhecia ainda.

Então surge Constâncio no trono do Império, ariano convicto. Empreende desde o princípio uma luta contra Atanásio. Solicitaram do monarca um concílio em Aquileia. Recusa. Quer um concílio em Arles, onde ele mora. Diante dos bispos reunidos, ele apresenta uma condenação, já preparada de Atanásio; os bispos apenas tinham que assinar... Tamanha foi a pressão por ele exercida que todos cederam. No Concílio de Milão em 355 dá-se a mesma cena. Os que resistem, entre eles S. Hilário, são vergastados

É neste período que se coloca um concílio geralmente mal conhecido o concílio de Laodiceia, nos anos 364 ou 366. É neste concílio que uma assembleia de homens se arrogou o direito de modificar o que Deus tinha solenemente estabelecido. Foi a mudança da observância do Sábado para Domingo. Diz Hefele comentando o cânone 16: «Sabe-se que várias Igrejas primitivas tinham costume de solenizar o sábado como festa da criação». Mas no cânone 29 deste concílio é dito expressamente: «Que os cristãos não devem judaizar e permanecer ociosos no dia de Sábado, mas devem trabalhar neste dia. Se persistirem em judaizar, sejam anátema em nome de Cristo.»

Como Cristo iria anatematizar os que guardam o Sábado como Ele guardou e que mandou guardar? Vemos por aí onde uma igreja, mesmo reunida em concílio, pode chegar desde que se esquece da Palavra e de proclamar solenemente «Está escrito!» pode vir a desmentir o próprio mandamento de Deus.

No princípio do V século, mais uma contenda ameaçava a cristandade, com o aparecimento de Nestório e suas heresias no patriarcado de Constantinopla. Roma temia-o por ele ser influente e popular. Opunha-se-lhe Cirilo de Alexandria. Tal foi a causa do concílio de Éfeso em 431. Era um grande

concílio, em que se falava muito, e nada se resolvia. O Imperador impaciente, temendo que uma divisão da fé lhe partilhasse o império, julgou bom intervir. Depôs Nestório e aprisionou Cirilo, e foi colocado em lugar deste último Dióscoro, homem sem escrúpulo e cujas ambições não tinham limites. Arvorou-se logo em campeão da ortodoxia e reuniu ele próprio um concílio em 449, nesta mesma cidade de Éfeso. Usou de violência para constringer os bispos a assinar as actas em branco, interpolou uma carta do papa para convencer da justiça a sua causa, dirigiu-se a seguir irado a Flaviano, do qual cobizava o rico patriarcado de Constantinopla e matou-o. Era a desonra da instituição conciliar, conhecida na história como o latrocínio de Éfeso.

Dois anos depois reúne-se um concílio ecuménico em Calcedónia. Ali, é Roma e Constantinopla que se defrontam, pugnando cada qual pelo seu prestígio. Constantinopla, quer equiparar-se a Roma. Roma quer a preeminência. Fimdo o concílio e publicados os 28 cânones, ou decisões desta reunião, o papa Leão Magno aprovou 27 destes artigos e rejeitou, porém, o 28.º que fazia sombra ao prestígio romano. E pela primeira vez os legados do

papa ao concílio assinaram as actas conciliares não como meros legados romanos mas como «Vicarii apostolici universális ecclesiae papae». Leão Magno manifestava a sua superioridade sobre os concílios aceitando e rejeitando o que entendia. Os concílios tinham perdido muito da sua autoridade primitiva. Era Roma que agora a detinha. Por isso o concílio de Calcedónia é um marco importante da autoridade do Papa no mundo cristão. Também o império, que nos dias de Constantino e outros sucessores tiveram mão forte sobre o concílio estava agora quase impotente. O império de Ocidente estava prestes a cair. Aí também o bispo de Roma preencheu o lugar vago. Foi esta a passagem predita nas Escrituras da Roma pagã para a Roma espiritual.

Um olhar sobre os concílios acima mencionados revela quão baixo pode cair uma instituição tão santa como é o concílio, ou reunião representativa de todos os crentes, quando se põe ao serviço de partidos ou de interesses no seio da igreja, afastando-se assim daquilo que implicitamente dizem as Escrituras, para seguir a tradição. É de concílio em concílio que podemos medir o abismo cada vez mais profundo entre a Bíblia e a tradição. Hoje, como ontem, a segurança espiritual não está em seguir a maioria ou as tendências modernistas, mas sim em guardar «mui firme a palavra dos profetas» (II Ped. 1:19).

PÁGINA EDITORIAL

(Continuação da pág. 2)

Aproveitemos as férias para descansar, sim, das actividades do corpo; mas aproveitemo-las também para estudarmos, com a maior aplicação as Lições da Escola Sabatina, e lermos a Palavra de Deus e qualquer livro da Irmã White.

REVISTA ADVENTISTA

Nunca será demais insistir na necessidade que temos de possuir a REVISTA ADVENTISTA. É quase um imperativo nestes nossos tempos em que em todos os lares se assinam jornais, revistas, tantas outras publicações. A REVISTA

ADVENTISTA deve encontrar-se em todos os lares adventistas, assim como nos dos nossos amigos e simpatizantes.

Se nós não dermos o exemplo aos nossos amigos e simpatizantes, assinando a REVISTA ADVENTISTA, como os poderemos convencer a que a assinem?

Dilectos Irmãos e Irmãs! Façamos desde já a nossa assinatura, se a não tivermos. Tenham a certeza de que a importância dispendida será abençoada grandemente, porque se trata de obra que é de Deus.

A. Casaca